

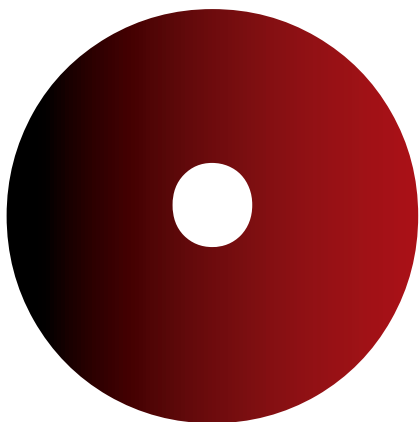
Fazer livros sérios a brincar

BRINCAR

ANDREIA BRITES

A SÉRIE

BRINCAR A SÉRIO



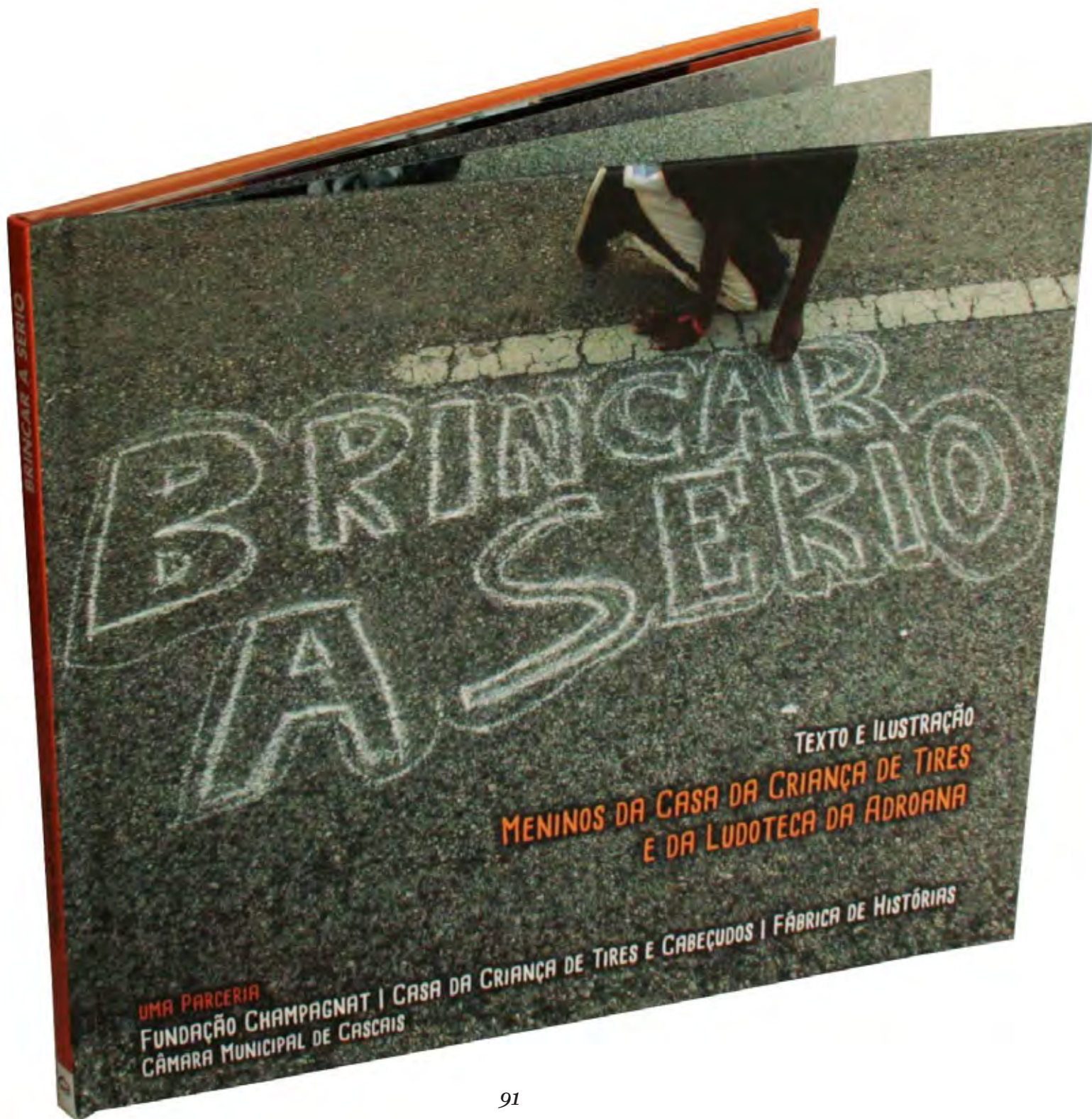
pretexto foi o livro *Brincar a Sério*, que a Cabeçudos lançou em finais de maio. Através dele, percorremos a linha de produção da Fábrica de Histórias, um projeto em que as crianças são autoras. O título surgiu da cabeça de Raquel Salgueiro quando o livro estava na fase de produção.

Brincar a Sério marcava uma posição sobre a ideia de brincar ao mesmo tempo que sintetizava o processo de trabalho que durante as férias da Páscoa tinha levado um grupo de crianças e adolescentes a criarem o livro. Ao contrário dos outros editados pela Cabeçudos, no âmbito do projeto Fábrica de Histórias, que normalmente se desenrola

em escolas, este nasceu de uma parceria com a Fundação Champagnant e a Câmara Municipal de Cascais, no sentido de apoiar a Casa da Criança de Tires. Por isso o grupo incluía meninos que vivem na Casa da Criança e outros que integram a comunidade que também frequenta a Ludoteca da Adroana, gerida pela mesma instituição. Ao todo, a criação do livro contou com a colaboração de 32 crianças, entre os 4 e os 13 anos, a maioria na produção de texto e ilustração, outros só numa das áreas criativas. O desafio que lhes foi proposto, numa oficina de escrita criativa e noutra de ilustração, foi o de explorarem o sentido e a prática da palavra e do direito de brincar.

«“Estamos a brincar ou estamos a falar a sério?”», é uma frase que se ouve muito. Então tentámos fazer a ligação com a ideia de que aquelas crianças que têm uma conjuntura familiar muito difícil também brincam, e brincam muito. É importante valorizar que brincar é uma coisa séria, e mostrar isso aos adultos», explicou à *Blimunda* Raquel Salgueiro.

Surgida logo no arranque da Cabeçudos, a Fábrica de Histórias começou a carburar há 3 anos e leva na bagagem 12 títulos (o último dos quais ainda no prelo). A ideia que subjaz ao projeto é a do trabalho colaborativo em torno do livro enquanto objeto, promovendo a escrita, a ilustração, a revisão e a própria divulgação. Aos seus criadores



BRINCAR É SERIO

BRINCAR É SERIO

TEXTO E ILUSTRAÇÃO

MENINOS DA CASA DA CRIANÇA DE TIRES
E DA LUDOTECA DA ADROANA

UMA PARCERIA
FUNDAÇÃO CHAMPAGNAT | CASA DA CRIANÇA DE TIRES E CABEÇUDOS | FÁBRICA DE HISTÓRIAS
CÂMARA MUNICIPAL DE CASCAIS

pareceu desde sempre que as escolas seriam um parceiro por excelência, já que ali existem recursos humanos e o tempo necessário para se dispendar com a realização do livro. Quando Rui Andrade e Raquel Salgueiro fundaram a livraria Cabeçudos tinham uma intenção maior do que apenas a da venda de livros infantis e juvenis. Nesse contexto a Fábrica de Histórias, que ganhou vida num papel de cenário preso na parede da sala onde iam registrando ideias, fazia todo o sentido. Se a Fábrica é um lugar de produção, o projeto oferece uma espécie de linha de montagem que cada instituição trabalha de forma única. Assim, o que se propõe aos alunos é que escrevam, ilustrem e revejam o texto que em seguida será paginado pela equipa da Fábrica de Histórias. Este é o plano mínimo. No entanto, Rui Andrade oferece mais possibilidades: um filme de animação, um audiolivro, um espetáculo de apresentação, uma exposição.

«É um projeto para um ano letivo, ou quase. Não quer dizer que seja o único a desenvolver pela escola ou pelo agrupamento, mas pode ser aquele que congrega todos os outros. Era assim que gostávamos que fosse.»

Para isso, a Fábrica de Histórias leva à escola várias oficinas que despoletam ideias e estratégias de criação. A equipa é praticamente a mesma de há três anos para cá: Leonor Tenreiro assegura a escrita criativa, Marina Palácio a ilustração, Inês Hugon a revisão, Duda a realização e Bruno Batista a narração. Mas, se o projeto abarcar outras áreas, também pode colaborar um músico ou um curador. As oficinas têm uma duração que oscila entre as 9 e as 12 horas e decorrem sempre no tempo curricular, podendo ser desenvolvidas no momento do português, educação visual, inglês, música, ou qualquer outro, de acordo com a organização estipulada pela escola. A partir daí os professores continuam o projeto com os alunos envolvidos.

Muitas vezes, quando há várias turmas a participar, cada uma recebe uma tarefa específica: inventar e registar a

história, ilustrar, promover uma exposição, traduzir a história para inglês, fazer o filme e criar a sua banda sonora...

A Fábrica de Histórias acompanha de perto mas sem interferir. Por isso, cada um dos livros espelha a identidade de quem os criou.



Assim tem acontecido, até *Brincar a Sério*. Há, aliás, neste livro um elemento que o distingue dos demais na estante da parede da Cabeçudos: a capa tem como base uma fotografia e não uma ilustração, como acontece com os restantes 10 volumes expostos. O título, desenhado a giz no alcatrão, e o menino que de cócoras na parte superior da imagem se dedica a acabá-lo afastam a primeira impressão de um produto *naïf*, de ilustrações formatadas. *Brincar a Sério* leva-nos para o mundo da arte urbana, do grafite e dos subúrbios das grandes cidades.

Quando o abrimos, não é bem assim. Mas também é.

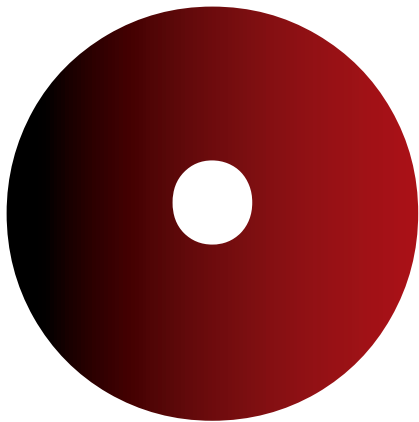
Rui Andrade conta que, quando Leonor Tenreiro chegou à ludoteca para a primeira sessão de motivação para a escrita criativa, se deparou com alguns meninos difíceis, que resistiam à ideia de brincar com lápis, canetas e folhas. Escrever?! Afinal, logo ali ao lado estavam os tão apetecíveis computadores. Mas rapidamente se desbloqueou a situação e o resultado é um texto poético que leva o leitor diretamente para os valores, os temores e o quotidiano destes autores. «Eu brinco para estar com os outros/ para esquecer as coisas tristes/ para não lutar» é só um excerto.

O *corpus* final foi escolhido após as oficinas de escrita, que duraram cerca de 12 horas, ao longo de uma semana, aproximadamente. Depois de levar o grupo a refletir sobre o ato de brincar e a registar as suas ideias, Leonor Tenreiro reuniu-se com a equipa de produção, sem a presença das crianças. Ali nasceu então o poema coletivo, depois de compostas as frases que lhe conferem coerência, o limpam de repetições escusadas, e lhe acrescentam a urgência de uma verdade por dizer.

BRINCAR A SÉRIO

Então, já com o texto fixado, Marina Palácio conduziu as oficinas seguintes, dedicadas à ilustração.

Agora os mais pequenos, de 4 ou 5 anos, já podiam participar. Seguindo a sua metodologia sensorial, a mediadora e ilustradora propôs ao grupo brincar a partir da organicidade do que os rodeia: cascas de laranja, folhas, pedras, pequenos galhos. Não foi inédito. No Colégio Atlântico, tinha levado ao grupo que ilustrava *Uma Longa Viagem até ao Atlântico* açafraão, beterraba e outros produtos naturais que serviram não apenas para tocar e cheirar, mas igualmente para colorir os desenhos que ilustraram o texto. A grande diferença, porém, é que em todos os outros livros as oficinas serviram de motivação para o trabalho que foi depois desenvolvido pelas turmas ou grupos com os professores e aqui toda a produção do livro dependeu apenas das oficinas e do seu processo com os meninos na Ludoteca da Adroana.



que faz deste livro um objeto maior é que aqui, para além da poética do texto e da amplitude do conceito, o que se lê nestas páginas é igualmente o seu acontecer, o seu processo. Marina Palácio optou por fotografar as crianças enquanto experimentavam os desafios que lhes sugeria, e desenhavam caminhos em folhas A4 por onde os animais passavam, ou compunham rostos com pedras e folhas, ou ainda desenhavam a partir de pedaços de casca de laranja. As guardas revelam mais: da sombra maior que o nosso tamanho às aves pintadas nas mãos reunidas em círculo. Em nenhum outro livro se cumpre tão plenamente a premissa de Rui Andrade: o processo colaborativo.

Como reagiram as crianças ao livro é quase impossível dizer. «Gostaram. Acho que sim. Pegavam no livro, abriam-no, andavam com ele para trás e para a frente. Depois largavam-no.» O dia do lançamento, na Casa da Criança, foi tão acelerado que quase não dava para reparar nos meninos que ali estavam, na sua casa, a receber aquela festa. Bruno Batista, narrador, montou um espetáculo de narração para a ocasião e brincou, com o livro e a

partir dele. Rui recorda um episódio da véspera. Quando chegou com os livros à Casa da Criança foi para o escritório. Estavam várias pessoas naquele espaço, assoberbadas. A menina entrou, porque na Casa da Criança as 12 crianças que ali vivem têm acesso livre a todos os espaços, e pegou no livro. Folheou-o, sem que ninguém interviesse, sem interagir com ninguém. Depois largou-o e pegou numa Barbie. «Valorizou o que tinha de valorizar.»



as nas escolas, na maioria privadas, onde a Cabeçudos tem conseguido implementar o projeto, nem sempre o entusiasmo é vibrante. Cada espaço tem as suas regras e os seus valores e por isso o ideal original nem sempre se cumpre. A história menos feliz é a do menino que chama a atenção da mãe para o livro onde participa: «Mas olha, mãe, está aqui o meu nome. Olha! Eu fiz isto, fizemos aquilo... Eu participei nisto.» Ao longe, o pai está a fazer sinal à mãe de que não se compra, e de que traga a criança embora. E a mãe obedece.

«O livro não tem valor. Para muitas pessoas não tem.» Para que o projeto seja viável financeiramente, é preciso que a escola venda um determinado número de exemplares. Mas não é líquido associar os colégios a vendas garantidas. «As pessoas não dão €15 pelo livro mas dão por um jantar de pizzas ou por uma ida ao jardim zoológico. Acho muito bem que vão, mas o que são €15? Para já não falar em carregar o telemóvel...», desabafa o livreiro que se assume como promotor. E acrescenta: «Para muitas pessoas a agenda vale mais do que este livro. As pessoas veem mais valor na agenda do que nisto. Depois não usam... Quem é que usa agendas de papel?» Uma das respostas mais frequentes que ouve, quando apresenta a Fábrica de Histórias, é que «por questões financeiras não vamos fazer». Também há quem acredite mais na marca autoral que a criança deixa no texto ou na ilustração do que no processo colaborativo em que se trocam ideias, partilham tentativas, se faz, desfaz,

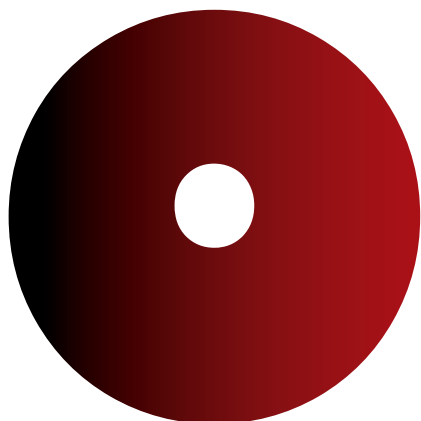
BRINCAR É UMA INSPIRAÇÃO



QUEM BRINCA SENTE-SE BEM



refaz. A apropriação, por parte de alguns pais e de algumas crianças, nem sempre é feita em nome do grupo e sim a título individual, o que contraria a intenção do projeto.



contrário também acontece. A Escola Secundária da Amora foi a única escola pública a participar no projeto. Correu muito bem. Os professores acreditaram e empenharam-se para que os seus alunos fizessem um livro infantil. Para cada fase da produção escolheu-se um grupo que foi à Cabeçudos realizar a oficina respetiva: escrita, ilustração, narração e ainda o filme que acompanha o livro. «Metiam-se no autocarro a expensas deles e fizeram aqui as oficinas. Uma turma para escrever, outra para ilustrar, uma daqueles cursos profissionais para lançar o livro. Era um livro para os mais pequenos e tinha de ser. Depois foram ter com as EB1 do Concelho. Primeiro fez-se o lançamento na

escola, que tinha sido intervencionada. O auditório de 200 lugares encheu. Depois, os alunos que tinham montado o espetáculo a partir do livro repetiram-no para os alunos do 1.º ciclo, no mesmo auditório.»

A venda, menor do que seria desejável, compensou-se pelo patrocínio de uma empresa que se interessou pelo projeto. Foi, até agora, a única escola pública que participou. Rui Andrade afirma que há risco, mas que é possível. É possível motivar os pais a comprar, é possível encontrar um apoio, um patrocínio. «Se quiserem, faz-se. É o que lhes digo. Venho para cá e ajudo a viabilizar.»

O Colégio Pedro Arrupe é o grande reincidente. Conta já com três livros produzidos. A estrutura do colégio aposta na Fábrica de Histórias para oferecer um projeto ao segundo ciclo. De título para título, nota-se evolução: juntou-se a música e agora a intenção é a de se fazer uma edição bilingue (português/ inglês) e usar as novas tecnologias para produzir um jogo ou um audiolivro. Tudo depende do empenho da organização e do trabalho dos professores.

Ao invés, no Colégio Valsassina, embora a narrativa e a ilustração de *Dois Reis e Uma Coroa* tenham sido concebidas por alunos mais novos, a responsabilidade do filme de animação cabia ao 12.º ano. Os alunos decidiram que não queriam reproduzir a história, que lhes parecia naturalmente muito infantil. Mudaram a estética: fotografaram-se a si próprios e animaram as fotografias. Neste caso, envolveram-se cerca de 500 alunos, do 2.º ciclo ao secundário, sendo que neste processo se reflete a idade de cada grupo sem que o livro e o filme percam com isso. Neste último título, que ainda não foi lançado, colaboraram todos os alunos da instituição, duzentos, do berçário ao 4.º ano. Os bebés pintaram o fundo das ilustrações.

Todas as combinações são válidas: trabalhar com um único nível, um ciclo, ou interseccionar idades. Para a equipa da Fábrica de Histórias o importante é lançar as sementes. Cada escola tem vindo a apropriar-se deste esqueleto à sua maneira, dando-lhe configurações únicas. Esse aspeto é especialmente visível no que concerne à ilustração. Marina Palácio utiliza sempre técnicas semelhantes, muito sensoriais, trabalhando ao nível do chão com materiais naturais. No entanto, cada livro apresenta uma estética própria. *Histórias de Abril*, do Colégio Campo das Flores, é desenhado a caneta de feltro, mas sem castanho, porque a ilustradora não usa canetas com essa cor. E as ilustrações de *Tempo para Pensar* foram pintadas em acetato. Em *Uma Longa Viagem até ao Atlântico*, os alunos inspiraram-se em imagens projetadas e em seguida pintaram os seus desenhos recorrendo exclusivamente a materiais e pigmentos naturais. No final, a professora partilhou com a equipa da Fábrica de Histórias que algo se tinha alterado no comportamento de alguns alunos que já não manifestavam medo de desenhar. A experiência tinha modificado a sua conceção sobre o ato de ilustrar.

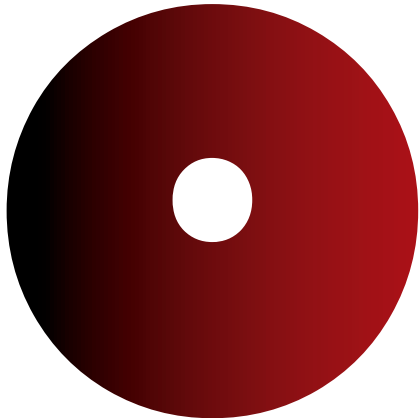


É MELHOR DO QUE FAZER OS TRABALHOS DE CASA



É MELHOR DO QUE ARRANJAR CONFUSÃO

BRINCAR A SÉRIO



que mudou na perspectiva dos autores de *Brincar a Sério*, não se sabe. Sabe-se, todavia, que este é, de todos os que a Cabeçudos editou, e que a Fábrica de Histórias ajudou a produzir, o mais artístico. Afirmá-lo como literário talvez seja exagerado, mas há neste livro uma poesia que os demais não têm. Rui Andrade assume que gostaria de caminhar para aí: textos mais curtos, mais poéticos. Mas faz parte do adn das crianças contarem histórias. O tempo escasso e a heterogeneidade de idades potenciou claramente a estética do livro. Não se pode negar que a verdade da experiência ajuda a torná-lo mais facilmente universal. O que acontece aqui é que agentes do livro são igualmente as suas

personagens: é de si que falam quando enumeram definições de brincar, é das suas brincadeiras que as ilustrações dão conta. Quando se discute o valor do destinatário dos livros de receção infantil e juvenil, quando se reflete sobre essa diferença categórica entre os livros ditos para adultos que são escritos por adultos para adultos e os livros para crianças e jovens que são escritos por adultos, este título é uma experiência de fronteira. Não é única e não é certamente por ter crianças e jovens na sua criação que garante essa superior qualidade formal e temática. Mas sem ela, este livro não seria possível. A sua universalidade depende, obviamente, do rigor da equipa de produção, Raquel Salgueiro, Marina Palácio e Carlota Flieg, não apenas na paginação como na seleção e composição do texto e das fotografias: em suma, na edição. Sem elas o processo não se teria transformado em produto.

Para quem é este livro? Como os outros, para quem com ele se identifique, para os leitores que com ele estabeleçam uma relação de empatia, curiosidade, espanto, revelação, confirmação. Em potência, qualquer leitor, da criança ao adulto, porque todos sabem, ou intuem, algo sobre a magia de brincar. E todos descobrirão outras formas, algumas repetíveis, outras dissemináveis. Pode ser lido por pais, por educadores. Como qualquer bom livro, o seu potencial de leitura acontecerá. Chegar aqui é o desejo de qualquer projeto de promoção da leitura.